

CINDY SHERMAN: METAMORFOSE

Fundação de Serralves, Porto, Portugal

Porto, 4 de outubro 2022

Mecenas da Exposição:



- A Fundação de Serralves, com o apoio da Fundação "la Caixa" e em colaboração com o BPI, têm o gosto de apresentar **Cindy Sherman: Metamorfozes**, exposição de uma das mais reconhecidas e influentes artistas do nosso tempo.
- **Cindy Sherman: Metamorfozes** apresenta uma série de obras que atravessam a carreira da artista desde o seu início até às obras mais recentes, mostrando a obra de uma artista superlativa que produziu muitas das imagens mais icónicas da arte contemporânea.
- A mostra inclui também **uma obra inédita**, especialmente concebida para o Museu de Serralves que dará à exposição uma singularidade adicional.

Elas estão continuamente sujeitas a metamorfoses, a que chamaremos ficção, mas que é o próprio instrumento da realidade... O indivíduo não contém apenas o duplo, mas muitos outros que reclamam a sua identidade desde o mais profundo do seu ser.

Agustina Bessa-Luis

Cindy Sherman: Metamorfozes apresenta uma série de obras que atravessam a carreira da artista desde o seu início até às obras mais recentes. A exposição foi organizada em diálogo com a artista e em parceria com o The Broad Art Foundation, Los Angeles, uma instituição que coleciona exaustivamente o trabalho de Sherman há mais de trinta anos.

Sobretudo conhecida por imagens em que se retrata como modelo da sua própria obra, encarnando o papel de estereótipos femininos convencionados pelos média, num vasto leque de personagens e ambientes, Cindy Sherman fotografa sozinha no seu estúdio, atuando como diretora artística, fotógrafa, maquilhadora, cabeleireira e intérprete do papel a desempenhar. A prática do

retrato que iniciou há décadas é responsável por algumas das mais marcantes e influentes imagens da arte contemporânea. Para esta ambiciosa apresentação em Serralves, as salas do museu sofreram uma radical transformação, criando um cenário teatral para acolher o *storyboard* que as fotografias da artista compõem. A mostra incluirá também um trabalho inédito, especialmente concebido para o Museu de Serralves: um extenso mural fotográfico, que dá à exposição uma singularidade adicional.

Geralmente, a artista não dá títulos às suas obras, pretendendo com isso evitar interpretações preconcebidas ou leituras antecipadas que poderiam influenciar o observador, preferindo deixar a construção das histórias ao critério da cada pessoa. As imagens são no entanto organizadas por séries e numeradas e exploram vários temas e técnicas, reforçando assim a diferenciação e a classificação: *Untitled Film Still* [Sem Título Film Still] (1983-1984), *Fashion* [Moda] (1983-84), *Bus Rider* [Passageiro de autocarro] (1976-2000), *The Fairy Tales* [Os contos de fadas] (1985), *The Disasters* [Os desastres] (1986-89), *The Historical Portraits* [Retratos históricos] (1988-90), *Sex Pictures* [Imagens sexuais] (1992), *Horror and Surrealistic Pictures* [Imagens de horror e surrealistas] (1994), *Masks* [Máscaras] (1995), *Broken Dolls* [Bonecas desmembradas] (1999), *The Hollywood/Hampton Ladies Portraits* [Retratos de senhoras de Hollywood e dos Hamptons] (2000), *The Clowns* [Palhaços] (2003-05), *Society* [Sociedade] (2008).

Na exposição em Serralves estas séries não serão sujeitas a uma ordem cronológica, antes construindo uma narrativa. Nas obras de Sherman, composições e narrativas individuais remetem para um repertório completo e complexo de identidades femininas: mas enquanto os trabalhos iniciais estão repletos de emoções visíveis, nas fotografias mais tardias as emoções vão sendo gradualmente excluídas. As obras não são autorretratos, mas sim representações aperfeiçoadas pela distância da câmara ou objetiva que as capta ou, como comentou Rosalind Krauss, são “uma cópia *sem* um original”.

No final dos anos 1980, Sherman sentiu necessidade de suprimir a sua presença e criou imagens irrealis e grotescas, cenas de acidentes, constituídas por personagens sobrenaturais e aterradoras que personificavam medos irracionais e pesadelos e que formavam cenários macabros e repulsivos. Progressivamente, o corpo da artista foi sendo substituído por seios falsos, excrescências humanas, fluidos corporais, resíduos sexuais, próteses médicas, que posteriormente dariam origem às *Sex Pictures* (1992), uma das suas séries mais ousadas, em que

Sherman recorre a manequins para compor quadros pseudopornográficos, deliberadamente destituídos de qualquer erotismo que desafiam os padrões da indústria pornográfica.

O regresso da artista ao centro da imagem aconteceu por volta de 2000 com a série *Head Shots* [Primeiros Planos], em que protagoniza um conjunto de retratos de estúdio, ou a perturbante série *Clowns* (2003-05) e, mais tarde, imagens de mulheres idosas. Se as partes do corpo falsas ou artificiais forçam o observador a confrontar-se com o aspeto encenado da obra, a aparência trágica e vulgar das personagens obriga-o a sentir por elas uma certa empatia e respeito. Por outro lado, há uma mudança evidente no posicionamento da câmara, na alteração dos cenários, na saturação e sobreposição de adereços e elementos estranhos na composição, assim como nas dimensões das provas impressas. Mais tarde, na série *Society* (2008), Sherman regressa à sua exploração dos ideais distorcidos de beleza, das autoimagens e do envelhecimento numa sociedade obcecada com a juventude e o estatuto através de personagens inseridas em ambientes sumptuosos e apresentando essas fotografias em molduras muito ornamentadas.

Sherman passa da fotografia analógica para a digital e, tal como as suas personagens, experimenta várias possibilidades: cenários verdadeiramente naturais nas suas primeiras imagens, técnicas de filmagem como a “retroprojeção”, fotografia de estúdio (o local onde tem um maior controlo sobre a construção da imagem), o ciclorama e finalmente sobrepondo imagens a fundos digitais. Embora o seu trabalho seja geralmente classificado por críticos e teóricos como associado ao feminismo, à violência e ao voyeurismo e centrando-se na representação, a artista ela mesma tende a evitar esta instrumentalização teórica e tais associações. Ao construir uma personagem, Sherman não tem em mente uma pessoa específica, mas sim um género, e a complexidade da narrativa é determinada pela especificidade da relação entre o cenário e a personagem.

Para esta ambiciosa apresentação em Serralves, as salas do museu sofreram uma transformação, criando um cenário teatral para acolher o storyboard que as fotografias da artista compõem. A mostra inclui também uma obra inédita, especialmente concebida para o Museu de Serralves: um extenso mural fotográfico, que dá à exposição uma singularidade adicional. O trabalho de Cindy Sherman deve ser visto como uma dramaturgia para uma peça em que a artista

é simultaneamente protagonista e objeto da sua obra, com a qual constrói uma constelação totalmente sua.

A exposição *Cindy Sherman: Metamorfoses* foi produzida pelo Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto, em parceria com The Broad Art Foundation, Los Angeles, e tem curadoria de Philippe Vergne.

Agradecemos especialmente a The Broad, Los Angeles, Califórnia, The Broad Art Foundation e à Coleção Eli and Edythe L. Broad a sua colaboração neste projeto

Imagens: <https://we.tl/t-eHFkdvqFKP>

Untitled #447 [Sem título #447], 2005

Impressão cromogénea a cores / *Chromogenic colour print*

The Broad Art Foundation

© Cindy Sherman

Cortesia da artista e / *Courtesy of the artist and* Hauser & Wirth

Sobre a artista:

Nascida em 1954 em Glen Ridge, Nova Jersey, Cindy Sherman vive e trabalha em Nova Iorque. Há mais de quatro décadas que as suas fotografias inovadoras e icónicas questionam temas sobre representação e identidade nos media contemporâneos. Ganhando destaque no final dos anos 1970 com o grupo *Pictures Generation* ao lado de artistas como Sherrie Levine, Richard Prince e Louise Lawler, Sherman estudou arte no Buffalo State College em 1972, onde voltou a sua atenção para a fotografia. Em 1977, pouco depois de se mudar para Nova Iorque, Sherman começou seu aclamado *Untitled Film Stills*. Um conjunto de 69 retratos em preto e branco, *Untitled Film Stills* mostra Sherman personificando uma infinidade de personagens femininas estereotipadas e caricaturas inspiradas em fotos de Hollywood, filmes noir e filmes B. Usando uma variedade de figurinos, adereços e cenários para manipular sua própria aparência e criar fotografias que lembram imagens de filmes promocionais, a série explora a tensão entre artifício e identidade na cultura de consumo que tem estado presente na prática da artista desde então.

Sherman continuou a canalizar e reconstruir personas familiares conhecidas pela psique coletiva, muitas vezes de maneiras inquietantes. Em 1981, a artista criou suas *Centerfolds*, uma série de duplas fotográficas inspiradas em revistas

eróticas masculinas. Originalmente encomendados pela Artforum, uma importante revista de arte, os spreads foram posteriormente retirados por medo de uma reação adversa. Bem recortadas e coloridas, as imagens de Sherman mostram os seus personagens em estados vulneráveis e ambíguos. Em meados dos anos 1980, a linguagem visual do artista começou a explorar os aspetos mais grotescos da humanidade através das lentes do horror e do abjeto, como podemos encontrar em obras como *Contos de Fadas* (1985) e *Desastres* (1986-89). Para adicionar camadas de artifício nas suas identidades femininas construídas, a artista começou a introduzir próteses e manequins muito visíveis nessas imagens altamente viscerais, que mais tarde seriam usados em séries como *Sex Pictures* (1992). Tal como o uso de fantasias, perucas e maquiagem de Sherman, em que a sua aplicação muitas vezes ficava exposta. Os seus conhecidos *Retratos de História*, iniciados em 1988, usaram esses efeitos teatrais para quebrar, em vez de sustentar, qualquer sensação de ilusão.

Desde o início dos anos 2000, Sherman usa a tecnologia digital para manipular ainda mais sua lista de personagens. Em 2003, para a série *Clown* a artista adicionou cenários psicadélicos que são ao mesmo tempo lúdicos e ameaçadores, explorando a disparidade entre a personalidade exterior e a psicologia interior do seu tema. Na série *Society Portraits* (2008) a artista usou uma tela verde para criar ambientes grandiosos para mulheres dos altos escalões da sociedade. Esses cenários CGI aumentam o fascínio dos personagens que Sherman retrata, fortemente maquiados e absorvidos pelo status social diante do envelhecimento. Os seus trabalhos posteriores continuam a oferecer uma visão satírica da obsessão moderna com a juventude e a beleza que foi projetada nas mulheres durante décadas. Na sua série de murais de parede de 2010 (instalados para sua retrospectiva do MoMA em 2012), Sherman apresenta várias personagens diferentes num fundo computadorizado, com perucas mal ajustadas, vestidos medievais e sem maquilhagem, usando o photoshop para alterar o seu rosto. Na série *Flappers* de 2016, o espectador é confrontado com a vulnerabilidade do processo de envelhecimento nas estrelas de Hollywood dos anos 1920, que posam em trajes glamorosos com maquiagem exagerada.

Em 2017, Sherman começou a usar a rede social Instagram para fazer upload de retratos que utilizam vários aplicativos e filtros de embelezamento, transformando a artista numa infinidade de protagonistas em cenários caleidoscópicos. Desorientadores e estranhos, os seus posts destacam a natureza dissociativa do Instagram da realidade e o senso fraturado de si mesmo

na sociedade moderna que Sherman encapsulou de forma única desde o início de sua carreira.

Sobre a publicação:

Para acompanhar a apresentação da obra de Cindy Sherman em Portugal, o Museu de Serralves publicará, já em outubro, **Cindy Sherman: Metamorfoses / Cindy Sherman: Metamorphosis**, em português e inglês.

Com reproduções de todas as obras de Sherman que pertencem à The Broad Art Foundation, esta publicação também contará com contribuições de Joanne Heyler, Philippe Vergne, Maria Filomena Molder e Sérgio Mah sobre questões importantes como identidade, género, representação, e o papel das imagens na contemporaneidade, juntamente com a reimpressão de uma conversa entre a artista e a cineasta Sofia Coppola.

Cindy Sherman: Metamorfoses

Edição: Fundação de Serralves

Formato: 210 x 310 mm

c. 250 pp., Capa Dura

Idioma: Português + Inglês

Ilustrações: c. 150 imagens, P&B & cores

Distribuição: International

Designer: Márcia Novais

Tiragem: 1400 copies

Data de Publicação: outubro 2022

Sobre o Mecenas:

BPI e Fundação "la Caixa"

A Fundação "la Caixa" iniciou em 2018 a sua implantação em Portugal, consequência da entrada do BPI no Grupo CaixaBank. Em 2022, destina 40 milhões de euros a projetos sociais, de investigação, educativos e de divulgação cultural e científica e mantém o seu compromisso de alcançar um investimento de até 50 milhões de euros anuais, em Portugal, nos próximos anos, quando todos os seus programas estiverem implementados em Portugal.

A Fundação "la Caixa" é hoje, perto de 120 anos após a sua criação em Barcelona, Espanha, uma das maiores fundações da Europa e uma das mais importantes do mundo, com um orçamento anual superior a 500 milhões de euros, assumindo

como missão construir uma sociedade melhor e mais justa e posicionando-se como entidade de referência no desenvolvimento de soluções duradouras que cubram as necessidades básicas dos grupos mais vulneráveis, favoreçam o progresso social e aproximem a ciência e a cultura a todos os segmentos da sociedade.

www.fundacaolacaixa.pt www.bancobpi.pt
